

## **O (DES)TRABALHO E A CONDIÇÃO RURBANA**

**Sócrates Oliveira Menezes – Universidade Federal de Sergipe**  
socratesmenezes@yahoo.com.br

### **OBJETIVOS**

Partindo do estudo das novas relações de trabalho, dentro da estrutura societal de reprodução do capital, a inserção dos novos sentidos do trabalho ao discurso teórico que tenta legitimar a substituição de sua centralidade pelas problemáticas a cerca do desenvolvimento da ciência, do setor informacional, da divisão sexual do trabalho, flexibilização e toda uma nova lógica implementada na tentativa de superação da crise estrutural iniciada pela acumulação fordista, este trabalho pretende contemplar as especificidades que preenchem a carência analítica na abordagem das novas formas de trabalho, bem como sua reafirmação na condição central para o entendimento da produção societal contemporânea, a partir das relações que essa nova lógica compõe a totalidade social juntamente com o conjunto de contradições que se expressam em fenômenos diametralmente situados expressados espacialmente em conflitos, sobretudo a partir da dialética campo-cidade, da luta pela terra, da atuação de movimentos sociais, da mobilidade do trabalho e a busca de um metabolismo societal emancipado.

### **REFERENCIAL TEÓRICO**

A sociedade contemporânea perpassa por profundas transformações marcadas por complexas relações de produção que afetam diretamente a condição existencial do ser nas diferentes formas de valorização do capital pelo trabalho. Consta-se nesta nova complexidade estrutural societal mundializada uma crescente produção teórica que reafirmam o início de uma sociedade utópica, a-mercantilizada, informacional e sem trabalho, marcada pela necessidade de adequação de novas formas de trabalho às exigências da competitividade (e ao) do “modelo Toyotista”. (Antunes, 1999)

Entretanto, no bojo estrutural crítico, torna necessário entender os processos de produção contemporânea bem como as tendências que permeiam a esfera do trabalho para a crítica da desfeticização e a lógica da (dês) sociabilização.

Desta forma as teses que direcionam para o fim da centralidade do trabalho como fundamento da regência da sociedade contemporânea encontram sua falsificação no entendimento abrangente sobre a categoria trabalho. A compreensão da totalidade do trabalho e a conseqüente contemplação da dimensão subjetiva e coletiva, do trabalho produtivo e improdutivo, material e imaterial bem como na análise da configuração da nova

classe trabalhadora inviabiliza o discurso da perda da centralidade do trabalho pela promulgação da lógica subjetiva e informacional.

## **METODOLOGIA**

O desenvolvimento deste trabalho compreende, baseado no princípio da totalidade, a busca pelas contradições a partir das relações dialéticas que se expressam no movimento da produção sócio-espacial. Estabelecer aqui uma abordagem, essencialmente teórica, que tente analisar as inter-relações que se processam entre a discussão da reafirmação ou negação da centralidade do trabalho e os complexos e contraditórios fenômenos sociais a partir da evidente luta de classes será feito tendo em vista leituras e sistematizações das teorias do trabalho e sua confrontação / confirmação perante a realidade das novas relações de produção do espaço urbano e rural bem como dos agentes e movimentos sociais que a partir daí se expressam em busca da reprodução da vida.

## **RESULTADOS**

As transformações ocorridas no mundo atual representam, a sim, uma maior junção entre as atividade improdutivas e produtivas, entre as atividades materiais e as imateriais, entre a ciência e a produção e não, exatamente, pela substituição do trabalho pela ciência ou pela subjetividade da lógica informacional.

Assim, entender a classe trabalhadora na atualidade é buscar sua composição nas formas complexas, tanto da maioria qualificada, multiuso e multifuncional, na maioria desqualificada subcontratada, terceirizada e precarizada como na grande massa desempregada que contempla a sustentação de toda estrutura explorativa contemporânea. Enfim, entender que foi o próprio processo produtivo enviesado pela lógica do trabalho abstrato, possibilitado pela expulsão da grande massa de trabalhadores do processo de produção, que levou a concretude da aparência de uma sociedade onde o trabalho não apresenta mais como categoria central tendo ainda o afloramento de movimentos sociais altamente inseridos na dialética do espaço urbano, não somente como estratégia de reprodução, mas como tentativa alternativa de uma produção societal emancipada.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a negação e afirmação do trabalho. 1<sup>o</sup>. Ed. – São Paulo: Boitempo, 1999.

ALENTEJANO, Paulo Roberto R. As Relações Campo-Cidade no Brasil do Século XXI, in Revista Terra Livre, São Paulo: AGB, n. 21, Julho-dez de 2003, p. 25-39. GAUDEMAR, Jean-Paul de. Mobilidade do Trabalho e Acumulação do Capital, editorial Stampa, p. 181-262.